

**“A HORA DA ESTRELA” OU “ELA NÃO SABE GRITAR?”:  
UMA LEITURA DA MARGINALIZAÇÃO DE MACABÉA**

*Cyntia dos Santos Jorge* (UENF)

[cyntiasj@gmail.com](mailto:cyntiasj@gmail.com)

**RESUMO**

Considerando que a questão constitutiva da literatura é que, apesar de se posicionar pela ótica da ficção, ela tem uma função humanizadora, objetiva-se, por meio do entendimento de Mikhail Bakhtin (2015) de que o romance é um gênero polifônico, que nos permite conhecer o mundo na sua realidade dialógica e plural, uma a análise da obra “A hora da estrela”, publicado em 1977, de Clarice Lispector, último livro regido pela autora. Para tanto, a análise consiste na identificação do modo pelo qual as vozes instauradas no romance caracterizam a personagem Macabéa, marginalizando-a.

**Palavras-chave:**

Marginalização. Romance polifônico. “A hora da estrela”.

**ABSTRACT**

Considering that the constitutive issue of literature is that, despite being positioned by the optics of fiction, it has a humanizing function, it is aimed, through the understanding of Mikhail Bakhtin (2015) that the novel is a polyphonic genre, which allows us to know the world in its dialogic and plural reality, an analysis of the work “The Hour of the Star”, published in 1977, by Clarice Lispector, the last book written by the author. For this, the analysis consists in identifying the way in which the voices established in the novel characterize the character of Macabéa, marginalizing her.

**Keywords:**

Marginalization. Polyphonic novel. “The hour of the star”.

**1. Introdução**

O presente trabalho toma a literatura como objeto de análise. A essência da literatura tem a ver com a nossa relação com o universo da língua. Essa relação se dá pela forma como cada ser humano se relaciona com o mundo e no mundo. A análise literária que aqui se propõe é a de referir-se à leitura como uma abordagem de estudo, como algo que transcende à materialidade do texto, por meio de uma concepção de linguagem não monológica, ou seja, dialógica. A escolha é analisar a literatura por meio do romance, e esse como gênero dialógico; e voltar os olhos para o que o romance de Clarice Lispector “A hora da estrela” nos apresenta, com base na teoria de Bakhtin (2015).

Para Bakhtin, o gênero romance é a expressão do dialogismo no seu mais alto grau, uma vez que ele coloca em evidência a diversidade e a diferença trazendo a modalidade de romance polifônico em que as personagens que povoam o universo romanesco estão em permanente evolução, como é o caso das personagens do romance de Clarice Lispector: Olímpico de Jesus, Glória, o médico e o narrador – que falam sobre a protagonista, Macabéa.

O romance polifônico só pode se realizar na era capitalista, com diversidade de universos e de grupos sociais individualizados e conflituosos. É nesse contexto que se insere o romance “A hora da estrela”, que apresenta a história de Macabéa, imersa na pobreza, numa miséria anônima, e que sai do Nordeste, fugindo da seca, e vai para o Rio de Janeiro – cenário do capitalismo vigente – e lá sofre marginalização. Ou continua a sofrer marginalização, porque já não tinha os pais vivos, falecidos na tenra idade da personagem, e, por sua vez, criada por uma tia que a inferiorizava; além das marcas que carregava enquanto mulher nordestina.

Essa investigação caminha pelo problema de como o romance de Clarice Lispector lança luz sobre a questão social, uma vez que seu estilo literário destaca os conflitos psicológicos, que contribuem para o que as personagens enunciam sobre o meio social em que estão inseridos, e também considerando o modo pelo qual fazem referência à protagonista desta história. Parte-se da hipótese de que o coro de vozes que Clarice Lispector rege sobre a personagem principal indica que Macabéa vive uma condição de marginalidade multifacetada.

O objetivo, portanto, é investigar a marginalidade experienciada por Macabéa no romance, apontando as vozes que a caracterizam de tal forma, por meio das descrições das manifestações das personagens que convivem/cruzam com a protagonista, e que de alguma(s) forma(s) enunciam que ela sofre marginalizações de gênero, pela condição de migrante e linguística.

## **2. *Literatura, o romance “A hora da estrela”, clarice lispector e o modernismo brasileiro***

O conceito de literatura, em linhas gerais, o dicionarizado, segundo Reyes (2012), está para a forma de empregar a palavra falada e escrita como meio de comunicação; ou ainda, a literatura pode ser denominada como um conjunto de obras literárias de uma nação, de uma época ou de

um gênero. E se, de forma genérica, a literatura pode ser assim designada, a autora problematiza o que não poderia ser considerado: “(...) literatura não é argumento, nem as personagens, tampouco os significados que lemos” (REYES, 2012, p. 20). Existe essência na linguagem literária, que tem a ver com a nossa relação com a língua. Embora sendo um código comum, cada ser humano se apropria dele por meio de suas experiências, e produz significados próprios, mediante as relações que estabelece. Por isso, Reyes (*Ibidem*) aponta que há as chamadas “zonas privadas e pessoais”, e junto delas as “zonas de penumbra”. A literatura, então, reconhece essas zonas, e as permitindo explorar, nos diz, nessa condição relacional, sobre nós e sobre os outros.

Caminhando nessa mesma perspectiva, Candido (1995) ensina que literatura, de maneira ampla, é toda criação poética, ficcional ou dramática, em todos os níveis de sociedade, desde as formas mais simples às mais complexas. E, afirmando isso, nos diz que, quando a literatura se abre para dar voz ao outro, além do eu, ela está sob a égide dos direitos humanos.

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. (CANDIDO, 1995, p. 174)

Uma vez que pensarmos a literatura como indispensável para nós, poderemos pensá-la da mesma maneira para o próximo. Lutar por direitos humanos nesse sentido implica considerar a literatura como um direito que o homem tem. Candido trabalha com a dicotomia dos “bens compressíveis” e “bens incompressíveis”, estando o direito à literatura na ordem dos incompressíveis, ou seja, daqueles que não se podem reduzir ou abrir mão. E não se pode abrir mão, pois os valores que a sociedade preconiza ou “rejeita” estão presentes nas mais diversas manifestações da literatura. “(...) A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 1995, p. 175).

Também, Candido (1995) expõe que a literatura que satisfaz a necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajuda-nos a tomar posição diante deles. Esta é a “literatura social”, que realiza uma investigação orientada da sociedade, deixando aparecer os muitos invisíveis, denunciando miséria, marginalização etc. – empenhada na tarefa ligada aos direitos humanos.

Estudar literatura representa, conforme Candido (1972) algo mui-

to além de conhecer períodos ou estilos literários, ou ainda conhecer fatos do passado. Estudar literatura é reconhecer seu valor social – pois a obra é tanto produto de um meio que legitima os valores ideológicos do contexto de produção, quanto produz efeitos práticos sobre a existência dos leitores, reforçando ou não valores sociais.

“A hora da estrela” apresenta a história de Macabéa, de 19 anos, órfã de pai e de mãe, que sai de Maceió, acompanhada pela tia, em busca e uma vida melhor, para o Sudeste do Brasil – Rio de Janeiro. Consegue um emprego de datilógrafa, por influência da tia. E após a morte dessa, vai morar numa pensão, dividindo quarto com outras três moças (as três Marias – Maria da Penha, Maria da Graça e Maria José), todas balconistas das Lojas Americanas. Lá na pensão, um dos maiores prazeres e passatempos de Macabéa é escutar as notícias da Rádio Relógio, no rádio de uma das colegas de quarto. Tempos depois, conhece Olímpico, que se torna seu namorado, e é roubada pela colega de trabalho Glória. Essa, com pena de Macabéa, leva-a numa cartomante, para ler a sorte, o que a prevê um futuro promissor. Sai de lá muito contente com as palavras que ouve, e é atropelada por um Mercedes Benz amarelo.

A personagem Macabéa tem uma vida difícil desde criança. A tia a coloca num sofrimento que parece não ter fim. Pela vida dela passam Glória, sua colega de trabalho, que se considera mais esperta e bonita que ela. O chefe, Raimundo, tem vontade de demiti-la várias vezes, o que chega a ocorrer numa delas, porque Macabéa sujava e rasgava os papéis onde datilografava, mas ele a deixa permanecer no trabalho por compaixão. O médico que a atende numa única ocasião a trata mal. Olímpico, que a chama de “cabelo na sopa” quando terminam o namoro. E após o término, Macabéa procura uma cartomante que lhe prevê um futuro promissor diante da esperança de um final feliz, de um provável estrelato, que espantosamente vem com a morte por um atropelamento.

A autora da obra, Clarice Lispector, surge no modernismo nos anos 40 com a publicação do romance “Perto do coração selvagem”, surpreendendo as críticas, passando a ser o principal nome de uma tendência intimista moderna da literatura brasileira. Clarice apresenta, no período em que a prosa brasileira estava voltada para o retrato da sociedade em crise, a crise do próprio indivíduo, dando voz a sua consciência e inconsciência. Com o objetivo de atingir regiões mais profundas das personagens, a obra aborda como eixos principais o questionamento do ser, a pesquisa do ser humano no romance introspectivo, além da ambiguidade no jogo entre ser e não ser. Tudo isso representado em histórias sem co-

meço, meio ou fim; nem a preocupação com enredo ou ações, pois essas questões estariam num segundo plano para o objetivo clariciano de escrever. Esta afirmação é esclarecedora: “há na gênese dos seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise” (BOSI, 1986, p. 479).

Ao criar a personagem protagonista do romance “A hora da estrela”, Clarice Lispector levanta a questão da marginalização do ser humano em vários aspectos. Esses fatores enunciam que a literatura tem uma relação intrínseca com a sociedade, apontando aspectos sociais, pois “as obras espelham ou representam a sociedade” (CANDIDO, 1980, p. 10). Ou ainda, nas palavras de Fukelman, em “Escrever estrelas (ora, direis)”, prefácio à edição de 1991 do romance, “o crédito atribuído à ficção como via de acesso à compreensão do mundo” (FUKELMAN, 1991, [s.p.]).

Mesmo sendo criticada por ser uma escritora que não considerava o social, Castello diz que

Desde seu primeiro livro, Clarice Lispector cansou de ouvir a reclamação de que só conseguia escrever sobre sentimentos, e nunca sobre a realidade. A avaliação a indignava, certa de que ela incluía uma visão empobrecida do real, que é mais complexo e menos visível e ordenável do que, em geral, consideramos. Às vésperas de sua morte, como que tomada pela decisão de não legar ao passado uma crítica injusta, Clarice decidiu que escreveria um “romance realista”. A hora da estrela, publicado em 1977, mesmo ano em que veio a falecer, não guarda evidentemente nenhum dos aspectos mecânicos e de espelhamento do realismo clássico. (CASTELLO, 2011, p. 209)

Clarice, por isso, apresenta o oitavo romance com a reflexão a respeito não apenas do real, mas também da nossa dificuldade de capturá-lo, o que está enunciado pela história da protagonista Macabéa. A obra “A hora da estrela” traz dimensões sociais evidentes: a referência a espaços (Nordeste, Rio de Janeiro), questões sobre classe social, identidade, representação, cultura e atitudes das personagens. Todos são aspectos que cruzam com a personagem protagonista, numa escrita com estilo único.

Em entrevista à TV Cultura, em 1977, Clarice fez mistério sobre o livro que estava escrevendo, apenas citando que teria 13 títulos. E na obra publicada, apesar de citar 12 títulos na folha de rosto, Clarice Lispector opta por nomear o romance como “A hora da estrela”. Assim, à medida que a história progride, o leitor supõe que a personagem Macabéa viverá, mais à frente, um momento de glória, pois a descrição inicial que se tem dela é a de um sujeito exclusivo, do qual, geralmente, espera-se um

futuro triunfante.

“Os nordestes de Clarice e dessa moça se encontram, e torna-se imperioso dar voz a uma infância e a uma vivência de estrangeiridade, de estar fora do lugar em meio a um mundo dos outros” (ROSENBAUM, 2002, p. 56). Clarice se projeta nessa mulher em diáspora, que vive uma realidade de mudança de território. E no caso de Macabéa, para “uma cidade feita toda contra ela” (LISPECTOR, 1998, p. 15). Mas ambas a caminho da morte – Clarice com câncer, e Macabéa que morre no final da história.

Para o narrador, Macabéa carrega uma inocência, e nem sequer pensava sobre ela mesma. “Ao não pensar-se, Macabéa acaba sendo imagem emblemática de uma espécie de utopia clariciana de atingir o puro ser” (*Ibidem*, p. 59). E, ao mesmo tempo que essa face apresenta a marca de quem não sabe se nomear, também diz muito a respeito da situação de opressão que experimenta, principalmente pela exclusão no intercâmbio social, econômico e cultural. A subjetividade de Macabéa é resultado das coerções sociais que a cercam. No momento do atropelamento, Macabéa encontra-se consigo mesma – “agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou...” (LISPECTOR, 1998, p. 84). Aqui é válido destacar que “o enunciado humano mais primitivo, pronunciado por um organismo, é organizado fora dele do ponto de vista do seu conteúdo, sentido de significação: nas condições extraorgânicas do meio social”. (BAKTHIN, 2017, p. 216) A privação da linguagem da personagem também está relacionada à experiência de vida dela, bem como às experiências com a linguagem que ela teve.

Há várias maneiras do narrador nomear Macabéa ao longo das 87 páginas. Os exemplos estão distribuídos no livro de ponta a ponta, e que importa dizer é que todos também denunciam que Macabéa sofria várias formas de marginalização – que é o que se pretende analisar, por intermédio dos discursos com as demais personagens Rodrigo S. M. (o narrador), Olímpico, Glória e o médico, nas páginas seguintes.

### **3. A teoria do romance de Mikhail Bakhtin e o romance “A hora da estrela”**

Para explorar a obra de Mikhail M. Bakhtin, é interessante dizer que ele é considerado um filósofo da linguagem mais do que um cientista. Não publicou muitos livros em vida, mas os que conseguiu são

objeto de análise de vários trabalhos acadêmicos na área da filosofia da linguagem e da teoria literária.

A originalidade de Bakhtin reside na herança da tradição russa e nos debates sobre o romance a partir de dois aspectos: a questão da proximidade do romance com o universo cotidiano e a questão das origens do gênero romanesco. A respeito desse último, Bakhtin retoma a teoria formalista, rompendo com a mesma a partir do estudo do discurso literário, que tem dimensão social. Assim como os formalistas, Bakhtin (2010) afirma que o romance é um sistema literário e harmonioso, mas se afasta da teoria em que bebe inicialmente para constatar que há uma ligação entre linguagem e visão de mundo.

Bakhtin (2010) concebe a linguagem prática e cotidiana como um processo que gera conhecimento, porque está vinculada ao universo não só interno da língua, mas também do seu entorno. O sentido nos estudos da linguagem vai além dos aspectos exclusivamente linguísticos, mesmo porque a língua carrega vários outros, que estão vinculados aos contextos extralinguísticos, ou seja, pela relação existente entre a língua e os fatores históricos, culturais e ideológicos. O discurso é social, e não individual, e todos os discursos sociais mantêm uma interação. “A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205). E havendo interação no discurso, confirma-se que a natureza social é discursiva, e que a discursividade é social.

Partindo da premissa de que a existência requer o entendimento do eu e do outro, o que determina o caráter social da vida humana, chega-se à conclusão de que isso se realiza pela linguagem. A linguagem é esse instrumento de interação social, e por isso não pode ser analisada como algo formal, afastada do contexto social.

A linguagem é abordada a partir de duas dimensões – da atividade humana e do uso da língua. A dimensão não é apenas da língua como um sistema linguístico, e sim do uso da língua. E esse está intrinsecamente ligado à atividade humana, que produz enunciados escritos e orais, havendo uma ligação inseparável entre a atividade humana e o uso da língua, que são estabelecidos pelas condições e finalidades.

Tanto nas esferas da atividade humana quanto nas do uso da língua, Bakhtin (2010) chegou à conclusão de que há padrões de atividades humanas, bem como formas típicas de enunciados. Essas últimas correspondem a tipos relativamente estáveis de enunciados, o que é de-

nominado como gêneros do discurso. Eles são construídos social e historicamente, e dependem da finalidade discursiva. É a partir dessa concepção da linguagem, em movimento na atividade humana, que surge o conceito de dialogismo. Esse conceito tem a ver com a natureza social do diálogo, ou seja, é a análise da relação de sentido que ocorre entre enunciados. O enunciado passa a ser, depois da palavra dos estruturalistas, a unidade de comunicação.

Para entender sobre enunciado, é preciso antes entender o papel do locutor e de interlocutor na construção de sentido do enunciado, pois eles são componentes essenciais para o entendimento da situação interlocutiva que envolve o enunciado. O enunciado é uma resposta que ao mesmo tempo que precede outra resposta, a suscita também, trazendo para a análise primeira a natureza dialógica da comunicação. Há no diálogo o que Bakhtin (2010) denominou de alternância de réplicas, que chegam ao dialogismo, inerente a toda produção de linguagem. Isso é resultado dos estudos a respeito do romance polifônico, que estuda as vozes sociais das personagens do romance de Dostoiévski.

Bakhtin (2010), nessa análise, defende que o romance aborda questões das esferas privadas e cotidianas, com as esferas ideológicas. Se apontarmos para o objeto desta análise, as esferas privadas podem ser apresentadas pela vida das personagens; as cotidianas, pelo dia a dia delas na cidade do Rio de Janeiro que a obra conta; e a esfera ideológica, pelo sistema capitalista que rodeia tudo. E essa proposta de estudo não setoriza a análise, pois todas as perspectivas estão imbricadas.

O dialogismo marca a dinamicidade da linguagem. O princípio dialógico da linguagem se exprime nos gêneros primários, que são absorvidos pelos gêneros secundários. A teoria afirma que há a incorporação no romance de outros gêneros primários. Dizendo de outra forma, o romance é visto como o gênero dos gêneros, pois ele é aberto à multiplicidade linguística e estilística, sendo capaz de abranger outros gêneros, o que o torna um gênero aberto e instável. Essa capacidade de introduzir diferentes gêneros, tanto literários, como é o exemplo das novelas intercaladas, das peças líricas, dos poemas etc., como extraliterários, que fez Bakhtin chegar à conclusão de que o romance é um gênero que se constrói por outros gêneros.

Os estudos a respeito do romance mostram sua incapacidade de conclusão social, uma vez que as vozes enunciadas nele estão em sintonia com o eterno presente; e é um gênero que pode se expandir em

qualquer direção, porque seu conteúdo é social. A leitura que aqui se faz dessa obra, já estudada por outros trabalhos, não é uma simples repetição, uma vez que a inconclusividade estilística e de linguagem do romance é que abre à possibilidade de uma nova interpretação ou de interpretações renovadas.

Cabe salientar que o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas da atividade humana, em seu conteúdo temático, estilo e construção composicional. O conteúdo temático diz respeito ao(s) tema(s) que se forma (m) e circula(m) em torno do enunciado. O estilo corresponde a um traço do enunciado que pode ser associado à identidade do locutor e de seu grupo social. E a construção composicional tem a ver com a disposição formal e linguística do enunciado e do gênero. Dimensões essas analisadas a partir dos enunciados das personagens Olímpico, Glória, o médico e o narrador, que se escolhe analisar em “A hora da estrela”.

A relação do discurso com o discurso de outrem dentro de um enunciado é uma das preocupações principais do estilo do romance. O prosador faz, pelas vozes que evoca, seja do narrador ou da(s) personagem(ens) discursos com intenções para fazer interagir a ideologia presente, ou seja, de dar a importância à linguagem como fenômeno socioideológico. Essa existência de diversos discursos é que introduzem o conceito de plurilinguismo. Cada uma dessas vozes ressoa e são vozes de outras vozes sociais.

O discurso polifônico é que permite que as vozes circulem no romance, sem que o autor tenha controle autoritário sobre elas. Clarice Lispector elege um narrador homem, Rodrigo S. M. para contar essa história. O que, conforme Volóchinov (2017), substitui o autor propriamente dito, sendo o discurso desse tão individualizado como de qualquer outra personagem. A posição dele é tão fluida que muitas vezes ele usa a linguagem das outras personagens representadas na obra, e as outras personagens a dele.

O discurso é sempre voltado para o objeto que está nas ideias dos outros falantes. Macabéa é o vetor, é o ponto para o qual todas as vozes convergem – a voz das demais personagens do livro “A hora da estrela”. Os discursos eleitos por Clarice para constarem na obra, das personagens, repetem e interagem ideologicamente com a intenção de dizer que ela é uma mulher, em trânsito, nordestina, semianalfabeta e, portanto, marginal. “(...) não existe o mundo fora de sua compreensão

social heterodiscursiva e não existe linguagem fora das intenções heterodiscursivas” (BAKHTIN, 2015, p. 121). Por ser o romance um gênero que entende que o homem é essencialmente falante, o romance analisa a palavra ideológica, a linguagem desse homem.

“A hora da estrela” é indiscutivelmente uma obra conhecida. Há trabalhos disponíveis a respeito dela, realizados por outros autores, e que também dialogam com a perspectiva proposta aqui. O heterodiscurso introduzido no romance é o discurso do outro na linguagem do outro. A palavra é bivocal quando serve a dois falantes ao mesmo tempo, e essas duas vozes são correlacionadas dialogicamente, como duas réplicas. E isso ocorre em momentos no romance, principalmente quando as raízes da bivocalidade têm ligação essencial com o heterodiscurso sociolinguístico e com a diversidade de linguagens. É o exemplo do que acontece quando Macabéa vai ao médico. O narrador conta que o médico era alguém que exercia a medicina com o objetivo apenas de ganhar dinheiro. E quando se deparou com uma paciente pobre, o que ele já considerava de antemão “uma coisa feia” (LINSPECTOR, 1998, p. 68) tratou Macabéa, que era diferente dele em muitos aspectos, com frieza, chegando a perder a paciência com as perguntas dela.

Passara-a pelo raio X e dissera:

– Você está com começo de tuberculose pulmonar.

Ela não sabia se isso era coisa boa ou coisa ruim. Bem, como era uma pessoa muito educada, disse:

– Muito obrigada, sim?

O médico simplesmente se negou a ter piedade. E acrescentou: quando você não souber o que comer faça um espaguete bem italiano.

E acrescentou com um mínimo de bondade a que ele se permitia já que se considerava também injustiçado pela sorte:

– Não é tão caro assim...

– Esse nome de comida que o senhor falou eu nunca comi na vida. É bom?

– Claro que é! Olhe só a minha barriga! Isso é resultado de boas macarronadas e muita cerveja. Dispense a cerveja, é melhor não beber álcool. Ela repetiu cansada:

– Álcool?

– Sabe de uma coisa? Vá para os raios que te partam! (LINSPECTOR, 1998, p. 68)

A pouca tentativa que fazia para “atender” a paciente já demonstra que, além de pobre, ela não conseguia dialogar com ele. O médico perde a paciência mais ainda porque não se fazia entender pela paciente. O resultado foi mandar Macabéa “pros raios que a partam”. E mesmo após a notícia sobre possível começo de tuberculose, Macabéa a-

gradece sem nem saber o que significava a doença.

A protagonista dessa narrativa viveu um isolamento tamanho desde a tenra idade, provocado pela tia que a criou, o que a fez estudar até o terceiro ano primário, e não tinha leitura, além de ser semianalfabeta, a fazendo enfrentar uma faceta da marginalização: a linguística. Tendo dificuldades com a expressão linguística, Macabéa era incapaz de ter acesso a ela mesma pela linguagem. Existe o que Barankievicz (2014) chamou de incomunicabilidade fundamental – a de não se traduzir.

Não só com a personagem médico havia essa dificuldade de se comunicar, como também com o namorado Olímpico. Nas conversas que tinham, Macabéa fazia muitas perguntas, que ao entendimento de Olímpico eram sem raciocínio e sentido. É o exemplo de quando Macabéa perguntando o nome dele, questionou sobre o significado, ele não sabendo responder, disse: “- eu sei mas não quero dizer!” (*Idibidem*, p. 45).

O fragmento abaixo do romance apresenta o diálogo entre Macabéa e Olímpico, em um banco de praça pública.

Ele: – Pois é.  
Ela: – Pois é o quê?  
Ele: – Eu só disse pois é!  
Ela: – Mas “pois é” o quê?  
Ele: – Melhor mudar de conversa porque você não me entende.  
Ela: – Entender o quê?  
Ele: – Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!  
Ela: – Falar então de quê?  
Ele: – Por exemplo, de você.  
Ela: – Eu?!  
Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.  
Ela: – Desculpe mas não acho que sou muito gente.  
Ele: – Mas todo mundo é gente, Meu Deus!  
Ela: – É que não me habituei.  
Ele: – Não se habituou com o quê?  
Ela: – Ah, não sei explicar.  
Ele: – E então?  
Ela: – Então o quê?  
Ele: – Olhe, eu vou embora porque você é impossível!  
Ela: – É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que eu faço para ser possível?  
Ele: – Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do teu agrado.  
Ela: – Acho que não sei dizer.  
Ele: – Não sabe o quê?  
Ela: – Hein?

Ele: – Olhe, até estou suspirando de agonia. Vamos não falar em nada, está bem?

Ela: – Sim, está bem, como você quiser.

Ele: – É, você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me chamarem, eu virei eu. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é Olímpico. E um dia o mundo todo vai saber de mim.

– É?

– Pois se eu estou dizendo! Você não acredita?

– Acredito sim, acredito, acredito, não quero lhe ofender. (*Idibidem*, p. 48-9)

Nesse diálogo podemos perceber que ela fica em conflito com o namorado. Ele faz um comentário corriqueiro e ela questiona. Depois ele pergunta sobre o que ela questionou, quando por fim Olímpico acaba se irritando dizendo que “ela só fala besteiras”. A estrutura desse e de outros diálogos é quebrada com a falta de manejo e entendimento da língua por Macabéa. Além de isso se confirmar quando nós leitores nos deparamos nesse diálogo que ela se perde nas perguntas que recebe do namorado, e não sabe explicar por que respondeu que não se habituou a ser gente, e por que não se acha gente. Outros exemplos, dos poucos diálogos que há entre Macabéa e Olímpico demonstram essa falta de manobra com a própria língua, o que a faz silenciar, sendo Olímpico sarcástico com ela, perdendo a paciência.

Ainda há esse trecho com Glória, sua colega de trabalho:

– Por que é que você me pede tanta aspirina? Não estou reclamando, embora isso custe dinheiro.

– É para eu não me doer.

– Como é que é? Hein? Você se dói?

– Eu me doo o tempo todo.

– Aonde?

– Dentro, não sei explicar. (*Idibidem*, p. 62-3)

Macabéa sempre dá respostas sem sentido, o que a faz nunca ser compreendida no que queria dizer, ou até não compreender a colocação do interlocutor. E a falta de informação na comunicação a isolava mais e mais, vivendo completamente distante, sem comunicação. “A nordestina apresentava uma falta de identidade, um distanciamento de expressão e conseqüentemente, da linguagem” (SILVA, 2012, p. 25). Não por acaso Macabéa exercia a profissão de datilógrafa, uma profissão que reproduz a escrita do outro.

O narrador Rodrigo S. M. também a vê como alguém sem condições de questionar sobre si mesma.

Quem antes afiançar que essa moça não se conhece senão através de ir

vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar “quem sou eu?” Cairia estatelada em cheio no chão. É que “quem sou eu?” Provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto. (LISPECTOR, 1998, p. 15-16)

O narrador, uma das personagens, é um homem de meia idade, que viveu no Nordeste e mora no Rio de Janeiro. Tem uma vida cômoda, é de classe média. Tem um momento de epifania quando vê Macabéa, e se sente impelido a falar sobre ela. Diz ser seu dever falar da nordestina. “O que é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. É dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida” (*Idibidem*, p. 13). E diz mais, que para falar dela ele escolhe escrever “de modo cada vez mais simples” (*Ibidem*, p. 14). Escolher palavras simples para descrever alguém que tem dificuldade até com as palavras simples, não foi uma fala ao acaso.

A palavra é um instrumento de aproximação, havendo sempre o risco de haver um choque de realidades. Rodrigo S. M. identifica-se com Macabéa, mas ao mesmo tempo se afasta dela, chegando ao ponto de num momento dizer que “Ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzia-se a si” (*Idibidem*, p. 23). Em outro momento ele diz que está apaixonado por ela. Macabéa o seduzia por ter vida própria. Não há como duvidar de que as personagens têm vida própria. Talvez por isso Macabéa chateasse tantas pessoas vivendo no seu mundo, e o vivia, mesmo sendo marginalizada, de um modo diferente daquilo que se esperava dela.

Outro ponto que a faz marginal é sua condição de migrante e de mulher. Quando Rodrigo S. M. nos apresenta a protagonista da história, Macabéa, ele a nomeia em várias páginas como “nordestina”, antes mesmo de nos apresentar o seu nome, o que somente ocorre na página 43, de 87 páginas da obra. Não por acaso a escolha pela expressão, pois ela é uma personagem que se retira do Nordeste, em busca de uma vida melhor, e vai para o Rio de Janeiro, região Sudeste do país.

Historicamente o Nordeste significou esse espaço em que a pobreza imperou, marcado por momentos em que ocorreu grande fluxo de migração para as grandes metrópoles, com migrantes fugindo da seca, da fome e da miséria, especialmente por volta dos anos 30 do século passado. Conforme nos relata Silva (2012), por causa do fluxo migratório e por causa de organizações políticas ou recortes tendenciosos sobre a região do Nordeste, a imagem do nordestino ficou atrelada à inferioridade e ao atraso.

Macabéa é apresentada como uma mulher vítima dos estereótipos de uma infância vivida no sertão de Alagoas. Perdeu os pais cedo e foi criada por uma tia beata, que lhe ofereceu uma educação muito cruel. Viveu uma infância isolada e, inclusive, foi proibida de brincar com as demais crianças. Não soube o que era ser criança, pois desde cedo passou a ajudar a tia a cuidar da casa: “a moça era hoje o fantasma suave e terrificante de uma infância sem bola nem boneca” (LISPECTOR, 1998, p. 33). E todo esse isolamento se potencializa após a morte da tia, na grande metrópole para onde se mudaram.

Macabéa já nasce marginalizada, pois sua história de vida a diferencia de outras personagens do romance. A diferença inclusive de Olímpico, nordestino como ela, apesar de estarem alocados no mesmo espaço e condição social. Macabéa além de ser pobre e ignorante, é mulher.

Já Olímpico, apesar de estar ‘no mesmo barco’ de Macabéa, pelo simples fato de ser homem, consegue lidar de certa forma melhor com sua condição, não chegando a superá-la, mas conseguindo se enquadrar e viver no meio apesar de sua posição social. (SILVA; TABAK, 2017, p. 184)

Interessante notar que Olímpico se sentia diferente de Macabéa. O narrador conta que ele migrou da Paraíba, onde matou um homem. Trouxe consigo um pente e uma lata de vaselina. Fazia comentários grosseiros, mas aprendeu a usar alguma “delicadeza” para se aproveitar das pessoas e conseguir uma mulher. Era operário de metalurgia, mas se dizia metalúrgico. Dizia que queria ser deputado, porém não sabia o que fazia um deputado. Dormia de favor numa guarita e tinha técnica em roubar. Usava um dente de ouro, o que lhe dava posição na vida. Ia a enterros de desconhecidos e se emocionava lendo obituários. Conheceu Macabéa numa tarde em uma praça. A convidou para passear. E como não sabiam como passear, eles andaram por muito tempo debaixo de chuva. Muitos encontros com ela aconteciam, ocasionalmente, em dias chuvosos, o que uma vez ele disse a ela que ela só sabia chover (LISPECTOR, 1998, p. 44). E Macabéa sempre se desculpava. Ele era muito arrogante e impaciente com ela. E as conversas giravam em torno de farinha, carne-de-sol, carne-seca, rapadura, melado, o que mostrava que o assunto em comum era a origem dos dois; e também aos olhos de Olímpico uma completa falta de assunto.

A protagonista deste romance sai de Maceió para viver na região Sudeste do Brasil, migrando internamente dentro do seu país, e essa

migração representa mais um retrato do migrante pobre e marginalizado. A migração, muitas vezes, surge por escolha ou por necessidade, e o ser diaspórico se encaixa nessas consequências, pois um mundo globalizado conduz várias pessoas a buscar alternativas, que no lugar de onde se originam não encontram. E nesse caso está Macabéa, que se muda em busca de melhores condições de vida.

Para falar de diáspora é necessário retomar um ponto crucial: o da identidade. Para Barankiewicz (2014), quem analisou a questão da diáspora e das identidades culturais em “A hora da estrela”, o conceito vem se transformando com o tempo, e agora não há mais a possibilidade de conceber o indivíduo como um ser isolado.

Assim, surgia o sujeito sociológico em decorrência de sua relação com o outro e com a sociedade. O sujeito ainda tinha sua essência interior, contudo, o seu ‘eu’ forma-se num diálogo contínuo com os mundos culturais e as identidades outras deste mesmo mundo.

Mas o processo de globalização, na segunda metade do século XX, aboliu por completo a noção de identidade como entendida até então. Todo esse processo produziu, na sua radicalização, o sujeito pós-moderno que tem como marca a ausência de uma identidade fixa, essencial e permanente. Ao contrário, a identidade passa a ser considerada como em constante mutação. (*Idibidem*, p. 213)

Há dois pontos a serem destacados a partir da migração. O primeiro diz respeito à perda da identidade e desenraizamento, pois há “perda das relações sociais constitutivas dos referenciais que formam a identidade” (*Idibidem*, p. 215). E há o sentido da migração como ato de resistência, o que pode significar um desejo de mudar ou de não se conformar. A migração de Macabéa parece não se encaixar no segundo sentido, pois a migração torna a personagem desenraizada na cidade do Rio de Janeiro, mas não é apenas por estar em diáspora, como outros tantos nordestinos, mas também, e esse ponto é chave no entendimento da personagem Macabéa, por não se sentir pertencente a nenhum grupo. O trecho abaixo esclarece nas palavras do narrador:

Ela que devia ter ficado no Sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra – a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina. a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa. Embora, ao que parece, não aprovasse na linguagem duas consoantes juntas e copiava a letra linda e redonda do amado chefe a palavra “designar” de modo como em língua falada diria: “desiguinar”. (LISPECTOR, 1998, p. 15)

Silva & Tabak (2017) apontam que “A hora da estrela” retrata a sociedade do século XX, e os efeitos da modernidade. As personagens desta narração revelam uma sociedade fluida, capitalista e impaciente, além de uma mão de obra facilmente substituível. A diáspora é um dos efeitos do progresso, pois desembarcam imigrantes de todas as partes no Rio de Janeiro, e para as mulheres essa substituição da mão de obra parece ter um fator a mais, pois “o trabalho feminino portava-se como uma ocupação transitória que deveria ser deixada quando ocupassem a verdadeira missão da mulher de ser esposa e mãe” (*Ibidem*, p. 188).

Como Macabéa há muitas outras. O narrador nos aponta isso quando diz que

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiram como não existiriam. (LISPECTOR, 1998, p.14)

A condição de mulher da personagem aponta para uma marginalidade de gênero, fazendo com que Macabéa seja uma mulher marginal dentro da própria marginalidade migrante que já experimentava. Sabe-se que o *habitus* feminino é fruto da incorporação de um inconsciente coletivo e de aprendizado nas sociedades. Da mulher se espera uma aparência física sedutora, e a protagonista de “A hora da estrela” não tinha essa aparência, era “feia”, como afirma outra personagem, Glória:

No banheiro da firma pintou a boca toda e até fora dos contornos para que os seus lábios finos tivessem aquela coisa esquisita dos lábios de Marilyn Monroe. Depois de pintada ficou olhando no espelho a figura que por sua vez a olhava espantada. Pois em vez de batom parecia que grosso sangue lhe tivesse brotado dos lábios por um soco em plena boca, com quebra-dentes e rasga-carne (pequena explosão). Quando voltou para a sala de trabalho Glória riu-se dela:

- Você endoidou, criatura? Pintar-se como uma endemoniada? Você até parece mulher de soldado.
- Sou moça virgem! Não sou mulher de soldado e marinheiro.
- Me desculpe eu perguntar: ser feia dói?
- Nunca pensei nisso, acho que dói um pouquinho. Mas eu lhe pergunto se você que é feia sente dor.
- Eu não sou feia!!! – gritou Glória. (*Idibidem*, p. 62)

Mulher como Macabéa, Glória se sentia diferente, afinal, não era nordestina, e sim “carioca da gema!”, e suburbana. Era o oposto de Macabéa. Tinha os “quadris de boa parideira”, tinha pai e mãe, bem como comida na hora certa. Ganhava mais que Macabéa. Não se achava feia. Oxigenava os cabelos crespos, as axilas e o buço. Queria se ca-

sar, e, por isso, após uma consulta com uma cartomante, roubou o namorado da amiga.

Bakhtin (2015) nos informa que uma outra forma de organização do heterodiscurso no romance, é com o discurso do herói. Não se pode perceber apenas as concepções ideológicas de um personagem somente pelas ações dele. Na palavra se encontram convicções, dúvidas, valores, intenções etc. O heterodiscurso social é introduzido nos discursos diretos do herói ou nos diálogos. E a ação do herói romanesco está sempre ideologicamente destacada, pois ele vive e age de acordo com seu próprio universo ideológico, tem sua maneira própria de apreender o mundo, que se materializa na ação e na palavra.

A protagonista dessa história não é um herói que conhecemos épico, que supera todo tipo de adversidades para alcançar os objetivos, nem tem grande força física, inteligente ou nobre. Ela é uma pessoa inabilitada em vários aspectos da vida, e não há grandes feitos na vida de Macabéa de que ela possa se recordar. A felicidade era algo desconhecido para ela. E sendo passiva, era uma presa fácil para o mundo em que chegou – a cidade do Rio de Janeiro. Era uma fracassada no amor, no trabalho e na vida. Ela fala muito pouco, e pensa menos ainda, de acordo com o narrador. Mas fala. Macabéa não é muda. E não necessariamente o falante no romance deve ser personificado no herói. Ele é apenas uma das formas de falante. O heterodiscurso abre para pensar que os demais falam dela e por ela. E nesse falar, eles apresentam para nós leitores a imagem sobre ela, e mais, eles apresentam a imagem da sua linguagem.

O discurso não só representa, mas ele mesmo é representado. No discurso, a palavra do outro está difundida no nosso discurso, e o nosso está repleto da palavra do outro. Sendo assim, o que se pretendeu aqui foi mostrar como as palavras, os discursos das demais personagens, falam de Macabéa, bem como o grau de influência dialogante recíproca que há neles.

#### **4. Considerações finais**

“A hora da estrela” apresenta os moldes do romance social dos anos 30, e constrói um outro momento dos migrantes de Vidas Secas”, de Graciliano Ramos; além de dar continuidade a uma linha clariciana que foca na linguagem e no ser, a partir do questionamento do próprio ato da

escrita. E mais, projeta personagens numa dimensão universalizante que vai além do cotidiano.

Sem intenção de esgotar a temática da marginalização vivida por Macabéa, ao longo desse trabalho, visitamos o romance “A hora da estrela”, identificando as várias facetas da exclusão social da protagonista e de sua vida marginalizada pela perspectiva do romance polifônico de Mikhail Bakhtin. Apesar de ser silenciada, Macabéa quando é atropelada por um carro, e ainda jogada no chão, nos deixa uma última frase: “quanto ao futuro”. Não se sabe identificar ainda se se trata de uma pergunta ou de uma afirmação. Também o título desse trabalho é uma pergunta, porque o livro o é. As personagens falam o tempo todo sobre Macabéa, e falando sobre ela, falam delas mesmas – de suas frustrações, de suas angústias, de seus sofrimentos, de suas vidas etc. Mesmo que o leitor tenha a expectativa de que Macabéa fará uma transição no final, isso não acontece, porque ela não sabe gritar.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética do Dostoiévski*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. *Teoria do romance I: A estilística*. São Paulo: Editora 34, 2015.

\_\_\_\_\_. *Teoria do romance III: o romance como gênero literário*. São Paulo: Editora 34, 2019.

BARANKIEVICZ, I. V. de F.A diáspora e as identidades culturais em A Hora da Estrela, de Clarice Lispector. *Anais do VIII Colóquio de Estudos Literários*. GT Diálogos e Perspectivas, p. 211-22, 2014.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1986.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. *Ciência e cultura*, v. 24 (9), p. 803-9, São Paulo: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, setembro, 1972.

\_\_\_\_\_. No Raiar de Clarice Lispector. In: \_\_\_\_\_. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

\_\_\_\_\_. O direito à Literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

CASTELLO, J. *Clarice na cabeceira: romances*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

FUKELMAN, C. Escrever estrelas (ora, direis). In: LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Prefácio Clarisse Fukelman. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 6-16.

LISPECTOR, C. *A Hora da Estrela*. 1. ed. Rio Janeiro: Rocco, 1998.

MOSER, B. *Clarice, uma biografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

REYES, Y. *Ler e brincar, tecer e cantar – Literatura, escrita e educação*. Trad. de Rodrigo Petrônio. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

ROSENBAUM, Y. *Clarice Lispector*. São Paulo: Publifolha, 2002.

SILVA, A. P.; TABAK, F. M. Marta e Macabéa: figurações da marginalidade feminina. 12 ed. *Web Revista Linguagem, Educação e Memória*, Julho de 2017. Disponível em: <https://periodicoonline.uems.br/index.php/WRLEM/article/view/1771>. em: 13 dez. 2018.

SILVA, S. S. *A representação social da mulher em a hora da estrela de Clarice Lispector: um olhar sobre Macabéa*. Monografia. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas – Campus IV. 2012. 69fl.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Grillo, Sheila; Américo, Ekaterina Vólkova. Grillo, Sheila. São Paulo: Editora 34, 2017.